



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante  
cerimônia de inauguração do Gasbel II**

**Queluzito-MG, 14 de junho de 2010**

Meu querido companheiro Márcio Zimmermann, ministro de Minas e Energia,

Meu querido companheiro Luiz Dulci, ministro-chefe da Secretaria-Geral da Presidência da República,

Nosso querido companheiro senador da República, Hélio Costa,

Deputado Júlio Delgado e nossa companheira Jô Moraes,

Nosso querido companheiro José Sergio Gabrielli, presidente da Petrobras,

Meu caro amigo Paschoal Fausto Valle, prefeito de Queluzito, na pessoa de quem saúdo os prefeitos aqui presentes,

Vereador Sebastião Astrogildo de Moraes, presidente da Câmara Municipal de Queluzito,

Nossa querida companheira Maria das Graças Foster, diretora de Gás e Energia da Petrobras,

Nosso querido companheiro Sergio Machado, presidente da Transpetro,

Nosso querido companheiro João Antônio de Moraes, coordenador da Federação Única dos Petroleiros, na pessoa de quem cumprimento todos os trabalhadores,

E também cumprimentar o nosso maestro Firmino Teodoro da Silva, do grupo de Folia de Reis de Queluzito, que foi embora sem me dar tempo de pedir para ele cantar uma música. Fica para a próxima.

Eu queria ouvir a Bandeira do Divino, mas não foi possível, e eu queria mostrar, Moraes – eu até procurei minha assessoria para trazer para você,



enquanto você estava falando – uma matéria que foi publicada num jornal brasileiro de hoje com a manchete dizendo: “Petrobras *made in Brazil*”. Uma coisa importante, para que os 190 milhões de brasileiros compreendam o que está acontecendo no Brasil, é que oito anos atrás já estava determinado, pelas pessoas que governavam este país, que a Petrobras não tinha gás e, portanto, a Petrobras tinha que se contentar apenas com o gás da Bolívia. Já estava determinado que a engenharia brasileira e a Petrobras não tinham competência para fazer novos navios, novos estaleiros, e também já estava determinado que o petróleo da Petrobras estava acabando.

Vocês se lembram – eu fui candidato a presidente em [19]89, eu fui candidato a presidente em [19]94, em [19]98 –, eu perdi três eleições para ganhar a primeira, e por conta de ser candidato muitas vezes, a gente vai aprendendo muitas coisas. Uma delas, que eu dizia em [19]89, é que o petróleo no mundo ia acabar em 80 anos e que no Brasil, possivelmente, nós tivéssemos gás para 50 anos, ou melhor, petróleo para 50 anos.

Vejam o que aconteceu. A Petrobras, que não tinha condições de fazer uma plataforma de petróleo no Brasil, está fazendo, e 75 dos componentes de uma plataforma, hoje, são produzidos dentro do Brasil, gerando emprego para brasileiros, gerando melhores condições de vida para brasileiros. Os estaleiros brasileiros, que não produziam mais navios... é importante vocês saberem que em 1970 a indústria naval brasileira era a segunda indústria naval do mundo, a gente só perdia para o Japão. Ela chegou a ter, em 1970, 50 mil trabalhadores trabalhando na indústria naval. Em 2002, quando eu ganhei as eleições, a gente só tinha 1.900 trabalhadores trabalhando na indústria naval. Nós resolvemos ter uma política de incentivar a Petrobras a contratar navios, de recuperar a indústria naval brasileira e de fomentar os incentivos para que a gente criasse novos estaleiros.

Pois bem, não faz 30 dias, eu fui a Pernambuco inaugurar o primeiro estaleiro contratado, o primeiro navio feito no Brasil, de grande porte, um navio



que cabe dentro dele um milhão de barris de petróleo – 50% da produção de petróleo do Brasil, por dia, cabe dentro do navio – e o navio foi feito por brasileiros, mulheres e homens, que cortavam cana no Nordeste brasileiro, meninos e meninas analfabetos... Meninos e meninas de 20 anos, 22 anos, analfabetos, cortadores de cana foram preparados, formados e viraram profissionais para construir um extraordinário navio. A coisa que mais me emocionou naquele estaleiro foi a gente trazer de volta os dekassegus, ou seja, os descendentes de japoneses que estão no Brasil, que foram trabalhar no Japão e, com a crise econômica no Japão, eles ficaram desempregados e voltaram para o país deles para trabalhar e sustentar a família. Essa foi uma coisa, Sergio Machado, que me deixou muito emocionado.

Então, esta manchete aqui é uma manchete que me deixa cheio de orgulho, é uma manchete do jornal O Globo. Não é normal, mas é uma boa manchete. Nós estamos provando que ninguém é melhor do que nós, nós estamos provando que ainda temos muito para aprender e muito para fazer, mas estamos provando que quando um povo, uma nação, uma empresa, um presidente resolvem fazer as coisas, elas acontecem. Portanto, eu vou colocar num *poster*, na minha sala, a “Petrobras *made in Brazil*”, para todo mundo ter mais orgulho da Petrobras.

Com relação ao gasoduto. O gasoduto é uma das formas de melhorar as condições de desenvolvimento do estado de Minas Gerais, é a possibilidade de melhorar a qualidade dos investimentos, a qualidade da produção dos produtos advindos da existência de um gasoduto que vai conseguir transportar, para Minas Gerais, o equivalente a quase 13 milhões de metros cúbicos. Ora, o gasoduto, ele vai, primeiro, poder ajudar a gente a fazer termelétrica, se for necessário, ou a trabalhar com a termelétrica já existente em Juiz de Fora. Segundo, a indústria de cerâmica pode se desenvolver. Obviamente que Queluzito é uma cidade pequena, tem dois mil habitantes, dois mil e poucos habitantes, mas está perto de uma região com uma bacia leiteira importante,



que tem empresas importantes..., que tem cidades mais importantes a 15 ou 20 quilômetros de Queluzito.

Portanto, nós, agora – governo de Minas, governo federal, deputados, senadores e prefeitos da região –, precisamos começar a trabalhar para que as indústrias comecem a vir para cá para ajudar a utilizar o gás que vai estar passando neste gasoduto aqui. Ele foi feito para a gente utilizar e nós só vamos utilizá-lo quando houver desenvolvimento do estado de Minas Gerais e desta região por onde passa o gasoduto.

Mas, também, quem vai ganhar são as siderúrgicas existentes em Minas Gerais porque, com os fornos sendo aquecidos com gás, a qualidade do aço fica melhor, e nós, então, estamos dando a Minas Gerais uma oportunidade extraordinária de aproveitar mais uma fonte energética para poder aumentar, ainda mais, a riqueza de Minas Gerais.

Nós estamos pensando em fazer um outro gasoduto, e aí vamos ter que trabalhar em parceria, mais uma vez, governo de Minas e governo federal. Por quê? Porque se nós aumentamos a nossa rede e nós trouxemos mais gás para Minas Gerais, significa que a empresa de gás de Minas Gerais vai ter que aumentar a sua rede interna para poder distribuir esse gás. A Petrobras, quando foi feita a Constituição, que foi feita toda a política de gás, a Petrobras não distribui gás ao consumidor. Ela distribui às empresas estaduais, que são quem fazem a distribuição interna. Aí nós vamos precisar construir, com o governo de Minas Gerais, o aumento dos gasodutos, daquelas veias que disse o Gabrielli aqui, no estado de Minas Gerais, para a gente aumentar a oferta de gás à população.

Mas Minas Gerais pode ganhar um novo gasoduto, porque nós decidimos fazer uma fábrica de amônia em Uberaba, e essa fábrica de amônia vai precisar de gás, porque precisa do gás, e aí nós vamos ter que levar, do gasoduto de São Carlos até Uberaba, que são mais duzentos e poucos quilômetros de gasoduto que vão ser feitos. Já tem um acordo prévio que o



gasoduto vai ser construído pela Gasmig, porque nós assumimos o compromisso de fazer a fábrica de amônia e a Gasmig assumiu o compromisso de fazer – Cemig, Cemig –, fazer o nosso querido gasoduto.

Bem, se isso for feito... vocês perceberam que quando eu falei “amônia”, nós estamos entrando numa outra revolução que dizem que o Brasil não tinha condições de fazer. É a revolução, é a revolução da produção de fertilizantes no Brasil. Vocês sabem que o Brasil importa 80% de todo o fertilizante que nós utilizamos. De ureia, então, nós importamos 100%, porque a ureia precisa de gás e a gente não utilizava gás. Agora a Petrobras, que há cinco anos dizia que não podia fazer, agora, depois do Plangás, ela já está dizendo “Eu posso fazer”, e ela vai fazer uma fábrica de ureia também, para que nos próximos quatro ou cinco anos a gente tenha independência e não precise ficar dependente de comprar ureia da Rússia ou de outro país qualquer, depois do Oceano Atlântico. Então, isso é uma outra revolução. E como esta região aqui é uma região agrícola e uma grande bacia leiteira, o que nós esperamos é que a ureia seja um fertilizante extraordinário para os nossos produtos agrícolas e para a grama que a vaquinha come, que vai melhorar muito a qualidade e, portanto, vai aumentar muito a produção do leite.

O que nós, o que nós, o que nós estamos fazendo, na verdade, é tentando mostrar para vocês que essa veia de que o José Sergio Gabrielli falou não é apenas ligar o coração à cabeça, não. Essa veia vem até a unha do pé. Quando mexe a unha do pé é por causa da veia que ele falou, que sai lá do coração, que leva sangue para a nossa inteligência, mas que também leva sangue para o nosso calcanhar poder pisar no chão e movimentar a canela. Vocês imaginem que os nossos jogadores não poderiam fazer os gols que vão fazer se essa veia não estivesse funcionando bem. Quando eu misturei, quando eu misturei o gasoduto com a bacia leiteira é porque não tem nenhum sentido a gente vir aqui falar de gasoduto, gasoduto, e vocês ficarem perguntando: “Mas o que é que eu vou fazer com esse gasoduto que está



passando aqui e está levando coisa lá para o Vale do Aço, o que é que vai ficar aqui?”. Aqui vai ficar a esperança de que a gente, nos próximos anos, traga para esta região o desenvolvimento que o Brasil inteiro necessita e que Minas tanto merece.

Um abraço, gente, e até a próxima vez.



**Presidência da República**  
**Secretaria de Imprensa**  
**Discurso do Presidente da República**

---

(\$211A)